

DA SOCIOLOGIA DO ESPAÇO DO PODER NA  
FRANÇA AOS ESTUDOS DE “ÉLITES” NO BRASIL:  
CIRCUITOS DE TROCAS “BOURDIEUSIANAS”

*DE LA SOCIOLOGÍA DEL ESPACIO DE PODER EN  
FRANCIA A LOS ESTUDIOS DE “ÉLITES” EN BRASIL:  
CIRCUITOS DE INTERCAMBIOS “BOURDIEUSIANOS”*

*FROM THE SOCIOLOGY OF THE SPACE OF POWER  
IN FRANCE TO STUDIES OF “ELITES” IN BRAZIL:  
CIRCUITS OF “BOURDIEUSIAN” EXCHANGE*

*Igor Gastal GRILL\**

*Eliana Tavares dos REIS\*\**

**RESUMO:** Neste artigo buscamos assinalar algumas das contribuições de Pierre Bourdieu e de pesquisadores próximos às investigações sobre “elites”, sobretudo à delimitação de uma sociologia política não canônica. Para tanto, num primeiro momento, acentuamos os principais interlocutores e discussões que redundaram na tonificação da sociologia política francesa com inspiração “bourdieusiana”. A partir disso, procuramos pontuar a gestação de um esquema analítico que reverberou em reflexões dirigidas a configurações nacionais discrepantes daquelas que estimularam suas formulações originais. Num segundo momento, tomando como ponto de partida os Grupos de Trabalho da Anpocs (1970-2021) destinados a derivações da mesma temática, apresentamos alguns circuitos de pesquisadores/as que investiram, em diferentes contextos e com distintos sentidos, no tratamento de grupos dirigentes,

---

\* Docente e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc) e do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista Produtividade do CNPq e Coordenador do Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4285-9684>. Contato: [igor.grill@ufma.br](mailto:igor.grill@ufma.br).

\*\* Docente e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc) e do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista Produtividade do CNPq e Coordenadora do Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9357-2339>. Contato: [eliana.reis@ufma.br](mailto:eliana.reis@ufma.br).

bem como se notabilizaram pela operacionalização/difusão do “modelo de Bourdieu” no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bourdieu. Elites. Sociologia Política. Circuitos de Trocas.

**RESUMEN:** *En este artículo buscamos destacar algunas de las aportaciones de Pierre Bourdieu e investigadores cercanos a las investigaciones sobre las “elites”, especialmente la delimitación de una sociología política no canónica. Para ello, en un primer momento, destacamos los principales interlocutores y discusiones que dieron lugar a la tonificación de la sociología política francesa con inspiración “bourdieusiana”. A partir de esto, se buscó señalar la gestación de un esquema analítico que reverberara en reflexiones dirigidas a diferentes configuraciones nacionales de las que estimularon sus formulaciones originales. En un segundo momento, tomando como punto de partida los Grupos de Trabajo Anpocs (1970-2021) dirigidos a derivaciones del mismo tema, presentamos algunos circuitos de investigadores que invirtieron, en diferentes contextos y con diferentes significados, en el tratamiento de grupos líderes, además de ser notables por la operacionalización/difusión del “modelo Bourdieu” en Brasil.*

**PALABRAS CLAVE:** Bourdieu. Elites. Sociología Política. Circuitos de Intercambio.

**ABSTRACT:** *In this article we seek to highlight some of the contributions of Pierre Bourdieu and researchers close to the investigations on “elites”, especially to the delimitation of a non-canonical political sociology. For that purpose, at first we highlight the main interlocutors and discussions that led to the strengthening of French political sociology with “bourdieusian” inspiration. From that point on, we seek to highlight the gestation of an analytical scheme that reverberated in reflections directed at national configurations that differ from those that stimulated its original formulations. Secondly, taking as a starting point the Anpocs Working Groups (1970-2021) intended for derivations of the same theme, we present some circuits of researchers who invested, in different contexts and with different meanings, in the treatment of leading groups, as well as being notable for the operationalization/diffusion of the “Bourdieu model” in Brazil.*

**KEYWORDS:** Bourdieu. Elites. Political Sociology. Exchange Circuits.

## Introdução

O desafio a que nos propomos neste artigo é o de modestamente assinalar algumas contribuições de Pierre Bourdieu e de pesquisadores próximos às investigações sobre “elites”, sobretudo no que diz respeito à delimitação de uma sociologia política não canônica. Neste sentido, no primeiro momento do texto, acentuamos brevemente os principais interlocutores e discussões que redundaram na tonificação da sociologia política francesa com inspiração “bourdieusiana”. O encorajamento à adoção de dimensões de análise e estratégias metodológicas pertinentes ao delineamento de agendas de pesquisas sobre agentes bem alocados no espaço social reverberou em reflexões dirigidas a configurações nacionais discrepantes daquelas que estimularam suas formulações originais, como é o caso da brasileira. Por isso, no segundo momento, apresentamos alguns circuitos de pesquisadores/as que, em distintas circunstâncias e com diferentes acepções, fizeram aplicações na discussão sobre grupos dirigentes, bem como se notabilizaram pela operacionalização/difusão do “modelo de Bourdieu” no Brasil. Para tanto, tomamos como ponto de partida a identificação de colegas que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidos nos Grupos de Trabalho (GTs) destinados a derivações da mesma temática, que funcionaram do final da década de 1970 até 2021 em edições dos Encontros Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS).

Se é dispensável sustentar a centralidade lograda por Pierre Bourdieu às ciências sociais brasileiras, não é inapropriado esclarecer, em primeiro lugar, que não fixaremos sua posição numa “genealogia consagrada” dos estudiosos das “elites”<sup>1</sup>, sob pena de incorrer no erro de alojá-lo numa produção unificada de forma meramente nominalista: o que vai de encontro às suas principais premissas epistemológicas<sup>2</sup>. Do mesmo modo, não pretendemos explicar como sucedeu o deslocamento dos significados atribuídos à categoria “elite” no grupo liderado por Bourdieu na França, nem fazemos um balanço das pesquisas que ele realizou, dirigiu ou inspirou sobre o espaço do poder naquele país (ainda que apresentemos alguns indícios nessas direções). Tampouco ambicionamos aplicar o protocolo de pesquisa concebido por Bourdieu ao espaço dos “bourdieusianos” brasileiros que estudam “elites”, ou empreendemos um trabalho devidamente rigoroso de auto-objetivação da forma como chegamos à apropriação do autor, cujos limites com o autoenaltecimento por vezes são bastante tênues e discutíveis. Assumimos que objetivar nossas referências

---

<sup>1</sup> Grynspan (1996, 1999, 2016) descreveu em detalhe a construção dessa “genealogia” por intermédio das citações rotinizadas, seleções de textos considerados canônicos, traduções e circulação internacional dos autores.

<sup>2</sup> Bourdieu (1988, p. 38) sustentou que o nominalismo “reduz realidades sociais, grupos ou instituições, a artefatos teóricos sem realidade objetiva”. Sobre o equívoco nominalista em inscrever Pierre Bourdieu na “linhagem” de teóricos das elites, ver Coradini (2016).

e os debates nos quais estamos intrometidos implica em custos de toda ordem, talvez altos demais e com exigências incompatíveis ao exercício que expomos aqui.

Por fim, não custa antecipar a inexistência neste texto de: definições ou dicas de como identificar “elites”, formalizações de tipos e estratégias ou técnicas mais eficientes de enquadramento seja de uma fração específica, ou das “elites” em geral. Acreditamos que com o aprendizado do raciocínio sociológico adquirido a partir dos estudos de Pierre Bourdieu e equipe – voltados a distintos domínios sociais (patronato, universidades, episcopado, intelectuais, professores universitários, etc.), com apostas no tratamento multidimensional e relacional, metodologicamente inventivo, com ênfase nas práticas e nos esquemas de percepção/apreciação do mundo social, entre outros –, temos condições de evitar a “ilusão reificante”: obstáculo expresso em indagações como “quem (...) realmente detém o poder?” ou “quem decide?” (Bourdieu, 1988, p. 37). Interrogações desse tipo parecem fundantes sobretudo das ponderações sobre as “elites políticas”, e irremediavelmente nascem de uma “ilusão personificante” que atribui a “coletivos” (grupos antropomorfizados/hipostasiados) ou “pessoas” (privilegiadas por suas posições de poder, sociais, institucionais, de influência ou de decisão, às quais são atribuídos cálculos, desejos, vontades, aptidões, etc.) as responsabilidades pelos destinos históricos. E Bourdieu alertou sobre as armadilhas da “filosofia da história, inscrita seja no uso ordinário da linguagem ordinária, seja nos hábitos de pensamento associados às polêmicas da política, nas quais é preciso apontar (...) sujeitos históricos capazes de formular e realizar seus próprios fins” (Bourdieu, 1988, p. 46-47).

## 1. Da sociologia “bourdieusiana” do espaço do poder à sociologia da política

Para começar, é importante salientar que o elo entre Bourdieu e as pesquisas sobre “elites” está longe de ser dado ou evidente. Em primeiro lugar, em razão da filiação disciplinar. No princípio, as discussões enquadradas nessa seara foram conectadas predominantemente à ciência política<sup>3</sup> – ao que parece, das três áreas das ciências sociais, aquela em que o sociólogo francês é menos utilizado. E a sua menor presença como referência é compreensível, haja vista que, nessa disciplina, há pesquisadores especializados em “estudos de elites” (sobretudo políticas) que tendem a ser: apegados às lições e fórmulas incontornáveis dos chamados “neomaquiavélicos” de diferentes gerações; ansiosos em designar, adjetivar ou desqualificar categorias abstratas (reificadas como entidades supra-humanas, para

---

<sup>3</sup> Coradini (2016, p. 128) grifa que “a alocação das elites como atribuição de politólogos teve respaldo, inclusive, dos esquemas de classificação de disciplinas promovidos e divulgados pela Unesco”, colaborando nessa crença.

usar uma expressão eliaseana); obstinados em apreender (ou apenas seguir de forma tautológica) leis universais, truísmos ou cadeias de causalidades unidirecionais; seduzidos pela linguagem das variáveis importada acriticamente das chamadas ciências duras; e ainda confiantes em um poder de predição. Posturas que os afastam, de modo inequívoco, dos postulados “bourdieusianos” e/ou provocam mal-entendidos intermináveis quando procuram incorporar ou refutar seu esquema analítico.

Em segundo lugar, porque o próprio Bourdieu, em passagens de seus escritos, faz questão de se distanciar da “linhagem” dos “teóricos das elites”. No livro *La noblesse d'état* (1989a), por exemplo, ele defendeu abertamente a ruptura com o modo de pensamento substancialista que orientava as pesquisas assim classificadas, ilustrando essa postura com a alusão irônica à pergunta que dá nome ao célebre livro de Robert Dahl (1961): *Who governs?* Do mesmo modo, em seu texto mais conhecido sobre o *campo político*, Bourdieu observa que a separação entre agentes *politicamente ativos e passivos* (servindo-se dos termos propostos por Weber) entre os “elitistas” somente é levada em conta por meio do registro da naturalização dos mecanismos sociais que produzem e reproduzem a separação entre *especialistas e profanos* (Bourdieu, 1989b).

E, em terceiro lugar, podemos ainda recuperar uma passagem do texto de Monique de Saint-Martin (2005, p. 329) na qual a autora, refletindo sobre o trabalho desenvolvido com Bourdieu, destaca que os pesquisadores sob a sua orientação utilizavam conceitos como “classe dominante, ou, de modo mais raro, classes dominantes, campo das classes dominantes, lutas entre diferentes frações das classes dominantes e entre dominantes e dominados...”. Entretanto, “alguns termos, por exemplo, ‘elites’, eram de fato reprovados” (Saint-Martin, 2005, p. 329).

A despeito disso, notadamente a partir dos anos 1970, houve uma paulatina atualização nas ênfases à focalização dos agentes no *campo do poder* ou nos espaços das disputas políticas, que colaboraram à redefinição dos embaraços existentes à utilização da ideia de “elite”. Nesse propósito, ajudaram decisivamente as apropriações de pesquisadores reputados na mesma órbita, como Christophe Charle, autor de *Les élites de la republique* (1987)<sup>4</sup>, e Monique de Saint-Martin<sup>5</sup>, que publicou *L'espace de la noblesse* (1993)<sup>6</sup>. Mesmo explorando universos e recortes temporais distintos, ambos se dedicaram à compreensão dos *modos de dominação* e demonstraram a relevância da apreensão das *estratégias de reprodução* (de fecundidade, de sucessão,

<sup>4</sup> Ver texto em que Charle (2008) revisita sua pesquisa disponível em português.

<sup>5</sup> Saint-Martin ministrou, durante muitos anos, seminário na EHESS sobre o tema, intitulado *Sociologie du pouvoir et des elites*, que foi frequentado por muitos pesquisadores franceses e de várias outras nacionalidades, inclusive por brasileiros. Em entrevista recente conduzida por Maria Chaves Jardim e Tais Joi Martins (2022, p. 293), ela destaca: “meu seminário na EHESS recebeu muitos estudantes brasileiros até minha aposentadoria em 2008”.

<sup>6</sup> Saint-Martin publicou alguns dos resultados e reflexões de sua pesquisa mais ampla em português (2020, 2002, 1992).

educativas, econômicas, matrimoniais, simbólicas e de acúmulo de relações sociais) das “elites”<sup>7</sup>. A potência dessa agenda de pesquisas se comprova na eficácia à localização de momentos chave de reconfiguração social (a exemplo do final do século XIX e o nascimento da meritocracia na França, período abordado por Charle). Assim como na capacidade explicativa dos mecanismos a partir dos quais descendentes de um grupo em desclassificação crescente (nos últimos séculos): produziram a crença na sua própria existência, construíram a sua identidade, cimentaram laços e extraíram ganhos variados desses pertencimentos (dimensões das práticas da nobreza francesa examinadas por Saint-Martin).

Mesmo reconhecendo os inconvenientes das definições “elitistas” e da frouxidão de certas aplicações contemporâneas, uma das justificativas apresentadas por Christophe Charle (2009) para classificar os agentes que constituem seus universos de análise como “elites”, em detrimento de outras terminologias, é por ser essa uma noção geral e plural. Quer dizer, a ideia possibilita acolher diversos tipos de grupos dirigentes ou dominantes, não imunes a protestos da sua legitimidade, personagens de distintas configurações históricas e sociais de luta e, por isso, responsáveis por transformações dos princípios de dominação e de hierarquização social, cultural e política, como recuperamos em outra publicação (Grill; Reis, 2018).

As análises dos indivíduos e grupos bem posicionados na hierarquia social vieram no lastro de uma gama de questionamentos propostos por Bourdieu sobre a propaganda/valorizada meritocracia do regime republicano francês, e de formulações quanto à tarefa sociologicamente rigorosa e relevante de explicar os êxitos sociais a partir da correlação entre indicadores de origens sociais, formação escolar, trajetórias sociais e carreiras profissionais. Nessa esteira, um programa de pesquisa foi amadurecido desde os anos 1960 e 1970, deslindando o condicionamento da passagem pelas chamadas “grandes escolas” (onde ocorre o treinamento e a socialização dos agentes pertencentes a uma “nobreza de estado”, assim como a tessitura de redes sociais qualificadas) aos “herdeiros” de famílias estabelecidas<sup>8</sup>.

Por conseguinte, o esquema de análise foi enriquecido quando conjugou aos fatores promotores de coesão (sociabilidades) e de unidade (forjada nos liames pessoais e familiares) dos grupos sociais, os ganhos daquela experiência de investigação, que repercutiu na ponderação consistente de Bourdieu e equipe sobre as *estruturas de capitais* variados, os espaços de atuação díspares e as *estratégias de legitimação* (de *sociodiceias*) concorrentes. Enfim, foram esboçadas as balizas de um *campo de poder* constituído por lutas entre categorias de dirigentes e seus capitais específicos (Saint-Martin, 2008).

---

<sup>7</sup> Sobre o conceito de *estratégias de reprodução* e sua contribuição para um programa de investigações sobre elites e *modos de dominação*, ver Bourdieu (2020).

<sup>8</sup> Tese e programa de estudo apresentados especialmente em *La noblesse d'état* (Bourdieu, 1989b). Para atualizações e complementações, ver Pasquali (2021) e Denord e Lagneau-Ymonet (2016).

De forma paralela e interdependente, o processo de institucionalização da ciência política na França por certo auxiliou na compatibilização das análises “bourdieusianas” com os estudos de elites. No início dos anos 1970, alguns jovens cientistas sociais protagonizaram um novo ciclo da disciplina e interromperam a “seleção natural” de professores da área, majoritariamente oriundos dos cursos de direito. Como comentamos em outro artigo (Reis; Grill, 2017), a nova geração incorporou problemáticas sociológicas e deflagrou uma espécie de “canibalização” da ciência política pela sociologia política, generalizando as referências a Émile Durkheim<sup>9</sup>, Norbert Elias e Pierre Bourdieu (Cohen, Lacroix, Riutort, 2009). A partir da década de 1980, aos parâmetros sociológicos foram aliadas preocupações com a gênese, invenções e transformações do Estado, de grupos, categorias, lógicas de politização, repertórios coletivos e tecnologias de mobilização política (Cohen; Lacroix; Riutort, 2009). Nesse processo, pesquisadores como Daniel Gaxie, Michel Offerlé, Bernard Lacroix e Bernard Pudal se notabilizaram como os principais responsáveis pela tradução, apropriação e hibridação do raciocínio “bourdieusiano” *vis-à-vis* outras correntes sociológicas e com a ciência política daquele país e de outras nacionalidades<sup>10</sup>.

Michel Offerlé, em relato publicado na revista *Politix* (2012) sobre aquela época, avaliou que, de forma coletiva, não planejada ou pré-determinada, eles delimitaram “outra ciência política”. A instituição central nesse processo teria sido o departamento de ciência política da Université Paris I, no qual estava inserido um segmento formado por “jovens pretendentes que, entre investimentos sindicalistas e reconversões marxianas, descobriram Bourdieu e o faziam descobrir”. Offerlé (2012, p. 66-67) ainda realçou que “os agentes mais militantes dessa causa foram sem dúvida Patrick Champagne e Dominique Merllié, sociólogos iniciantes”<sup>11</sup> que, então, estavam sob a orientação de Madeleine Grawitz, e aos quais se somaram “jovens

---

<sup>9</sup> Só para termos uma ideia, uma das investigações mais relevantes e de fôlego no plano internacional sobre a dimensão política nos trabalhos de Durkheim foi realizada por um cientista político francês e “bourdieusiano”, no início dos anos 1980 (Lacroix, 1981). Essa referência é importante, até porque Durkheim é o “clássico” mais negligenciado nos programas dos cursos de ciência política no restante do mundo.

<sup>10</sup> Philippe Braud (2001), em livro da coleção *Que sais-je?* dedicado à ciência política, reserva um capítulo ao que denominou de “O momento Bourdieu”, ressaltando a sua importância na disciplina para: 1) a renovação dos instrumentos teóricos (conceitos do esquema analítico que foram apropriados), 2) o deslocamento do olhar dos pesquisadores para a gênese, as disputas e os usos das categorias políticas; e 3) a postura crítica diante das lógicas de dominação.

<sup>11</sup> Champagne e Merllié produziram, em parceria com Louis Pinto e Remi Lenoir, o livro de *Initiation à la pratique sociologique*, cuja primeira edição em francês data de 1989, e nove anos depois foi traduzido para o português (Champagne *et al.*, 1998). Apesar de pretender ser um instrumento de aprendizado para iniciantes, não é um manual com verbetes e classificações professorais (de técnicas, escolas, etc.), mas efetivamente uma ótima ferramenta ao contato com obstáculos, rupturas e expedientes mobilizáveis na construção do objeto, reforçando, atualizando e exemplificando em prática as orientações contidas no livro *Le métier de sociologue*, publicado em 1968 e traduzido para o português no final dos anos 1990 (Bourdieu, Chamboredon, Passeron, 2004).

assistentes em ciência política (ainda não se dizia ‘politista’... foi Bernard Lacroix que introduziu o termo?), particularmente Jean-Pierre Mounier<sup>12</sup> e Daniel Gaxie”.

Outra figura notabilizada desse grupo seminal de importação de Bourdieu à ciência política, Bernard Pudal (2020)<sup>13</sup>, ressaltou a importância dos escritos que formaram sua “geração”. Nas suas palavras: “seria necessário fazer aqui uma pesquisa sobre os textos que serviram, seja como exemplo para construirmos nossos objetos, seja aqueles que foram explicitamente consagrados à construção do objeto em ciência política”. E no rol engrandece, além das análises de Bourdieu, “as obras ou artigos dos ‘passadores’: Gaxie, Lacroix, Offerlé” (Pudal, 2020, p.199).

De maneira geral, foram muitas as publicações demarcadoras dessa fertilização, como o livro *Les Partis Politiques* (1987), de Michel Offerlé, e o longo capítulo do *Traité de Science Politique* (organizado por Madeleine Grawitz e Jean Leca), de Bernard Lacroix – *Ordre politique et ordre social: objetivisme, objetivation et analyse politique* (1985). Antes deles, *Les professionnels de la politique* (1973) e *Le cens caché* (1978), de Daniel Gaxie, são evocados como determinantes “na socialização dessa geração em ‘dissidência’” (Offerlé, 2012, p. 67).

De fato, Gaxie teve papel primordial na “bourdieunização” da ciência política francesa. Ele frequentou os cursos de Bourdieu nos anos 1970, quando dialogava mais diretamente com Patrick Champagne (outra figura reconhecida na consolidação de um campo de estudos “bourdieusianos” sobre a política por intermédio de seus trabalhos sobre jornalismo e sondagens de opinião<sup>14</sup>). E foi nesse período que Gaxie publicou os livros supramencionados, cuja ajuda foi contundente à difusão, na França, de referências clássicas das análises da “representação política” (como Robert Michels e Joseph Schumpeter, ambos comumente encaixados na “genealogia” de estudiosos das “elites políticas”), de autores da tradição norte-americana voltados a examinar “participação” e “mobilização política” (entre eles, Marc Olson e expoentes das escolas de Michigan e Columbia), lidos à luz da sociologia da dominação de Weber e Bourdieu (Barrault-Stella, Gaïti, Lehinge, 2019)<sup>15</sup>.

Não poderíamos deixar de mencionar também o protagonismo de Jacques Lagroye no fortalecimento da sociologia política naquele país<sup>16</sup>. Lagroye abasteceu

---

<sup>12</sup> Autor, junto com Jean Pierre Cot, de *Pour une sociologie politique*, publicado em 1974 na França, e traduzido para o português em 1976. Ver Cot e Mounier (1976).

<sup>13</sup> Pudal, Offerlé, Collovald, junto com Saint-Martin, Champagne, Lenoir, Merlié, entre outros, participaram dos dois números de *Actes de la recherche en sciences sociales*, intitulados “Penser la politique” e lançados em 1988. Segundo Topalov (2005, p. 206), esses fascículos seriam “o produto tardio de um trabalho conduzido havia uma dúzia de anos pelos titulares em ciência política, que também eram sociólogos autodidatas”.

<sup>14</sup> Ver Champagne (1996).

<sup>15</sup> Um dos principais textos de Gaxie (*Les logiques du recrutement politique*, de 1980) sobre a “elite política francesa” foi traduzido para o português (Gaxie, 2012).

<sup>16</sup> Há versão em português de textos tratando dos processos de politização do espaço social, em dossiê sobre a temática, tanto de Lagroye (2017) como de Offerlé (2017).

a matéria com a incorporação de outras perspectivas no leque de incentivos teóricos mobilizados, acentuando-se aqueles inscritos na tradição interacionista e na antropologia política (amiúde para pensar “instituições”, “políticação” e “disputas eleitorais”)<sup>17</sup>. No decorrer do tempo, ele se aproximou cada vez mais da agenda do “grupo bourdieusiano”<sup>18</sup>, o que pode ser notado nas diferentes edições do seu manual de *Sociologie politique* (foram seis no total), com o crescimento sucessivo do espaço reservado aos trabalhos, noções e reflexões de Bourdieu e seus usuários franceses sobre o *campo político*. Adiciona-se que, orientandos de Lagroye, como Delphine Dulong, Frédéric Sawicki e Julien Fretel<sup>19</sup>, junto com outros/as colegas próximos em termos analíticos (como Annie Collovald, Brigitte Gaiti, Vincent Dubois, Jean Louis Briquet e Joana Siméant-Germanos)<sup>20</sup>, alicerçaram um programa comum de pesquisa (*processual, construtivista, relacional e disposicional*), tratando dos diversos temas estandardizados e de fruição politológica: partidos, populismo, clientelismo, políticas públicas, participação política, estado, etc.<sup>21</sup>

Esses esforços empregados para a adoção e importação do esquema analítico em questão, à luz das interrogações próprias aos “politistas”, foram acompanhados ou sucedidos, na mesma intensidade, por resistentes rejeições de “antibourdieuianos” entre seus pares, fonte de clivagens quase intransponíveis (Zimmermann, 2005). Com efeito, tudo indica que o adensamento das ligações entre os “bourdieusianos” e o robustecimento dos espaços logrados no meio acadêmico, assim como o aumento exponencial dos seus críticos e das suspeições no âmbito da ciência política, confluíram à constituição da subdisciplina denominada de sociologia política, na qual se abrigaram. E somos levados a constatar que esse rótulo contempla exatamente suas idiossincrasias em termos de influências teóricas (de viés sociológico) que os especificam e os separam dos demais cientistas políticos.

Importa que essa série de trabalhos existentes sobre diferentes “elites” na França encorajou descentramentos – em termos de contextos nacionais de origem das principais referências (do norte-americano para o francês), de rotulagens disci-

<sup>17</sup> Lagroye foi, por exemplo, um dos primeiros usuários e propagadores dos trabalhos de F. G. Bailey na França.

<sup>18</sup> Basta lembrar que Lagroye organizou, junto com Bernard Lacroix, uma coletânea de textos intitulada *Le Président de la République: usages e genèses d'une institution* (Lagroye; Lacroix, 1992), da qual participou Daniel Gaxie, entre outros. E também outra com Offerlé (Lagroye; Offerlé, 2011).

<sup>19</sup> Consultar versões dos seus textos em português (Sawicki, 2013; Briquet, 2017; Dulong, 2020; Fretel, 2011).

<sup>20</sup> Há traduções para o português de textos dos dois últimos publicados na REPOCS – Revista Pós Ciências Sociais (Briquet, 2017; Simeant-Germanos, 2023).

<sup>21</sup> Para uma dimensão da monta de pesquisadores influenciados por Daniel Gaxie, Michel Offerlé, Jacques Lagroye, Bernard Lacroix e Bernard Pudal, ver os conjuntos de autores reunidos nos livros produzidos em homenagem aos dois primeiros (Barrault-Stella, Gaiti, Lehinge, 2019; Michel; Lévêque; Contamin, 2019); as coletâneas *Sociologie de l'institution*, organizada por Lagroye e Offerlé (2011); *La politisation*, organizada por Jacques Lagroye (2003); e o *Nouveau Manuel de Science Politique*, organizado por Bernard Lacroix juntamente com Antonin Cohen e Philippe Riutort (2009).

plinares (da ciência política à sociologia da política) e das categorias investigadas (das investigações estritamente centradas nos profissionais da política aos estudos sobre intelectuais, escritores, religiosos, operadores do direito, cientistas, militantes, etc.). E essas transfigurações podem ser percebidas na reconfiguração das pesquisas sobre “elites” no Brasil<sup>22</sup>.

Cumpra sublinhar que vários dos cientistas sociais listados nesta seção acolheram pesquisadores brasileiros (docentes e estudantes com pesquisas sobre diferentes segmentos de “elites”) em estadas para doutoramentos, pós-doutoramentos ou estágios de estudos doutoral (os chamados doutorados-sanduíche) na França. E também foram recebidos no Brasil para “missões” em programas de pós-graduação em variadas instituições, não raro localizadas no Sul e no sudeste do país. Muitas dessas transações foram significativamente viabilizadas por convênios do tipo Capes-Cofecub desde os anos 2000.

Cabe referir que muitos desses/as professores/as ou pós-graduandos/as brasileiros/as estiveram à frente de iniciativas editoriais destinadas a traduzir textos das suas referências francesas. Por isso, podemos considerá-los/as como empreendedores/as que, ao mesmo tempo, servem conjuntamente à divulgação da perspectiva “bourdieusiana” e das temáticas atinentes aos seus aplicadores, e se servem desses textos e contatos para demarcarem suas posições em relação aos concorrentes nas mesmas áreas de pesquisa no país, e para sedimentarem elos na França.

## **2. Efeitos da sociologia política “bourdieusiana”: da ênfase nas “elites políticas” à diversificação dos pesquisadores/as e dos universos de estudos no Brasil**

Já existe um número razoável de artigos disponíveis no Brasil dedicados a levantamentos sobre os “estudos de elites”, “sociologia das elites”, “antropologia das elites”, “história das elites”, direcionados a “elites” específicas, etc.; alguns deles, inclusive, retomando ou se amparando nas discussões processadas no âmbito dos grupos e seminários temáticos da Anpocs. A temática está igualmente no índice de eventos internacionais, com maior ou menor capacidade de interpelação – comparativamente a outras preocupações consideradas como mais ou menos atraentes aos cientistas sociais –, dependendo do lugar, do momento e dos vieses adotados (analíticos, disciplinares e políticos). Mas nosso objetivo é retratar agentes que possuem vinculações com as ciências sociais/cientistas sociais franceses e suas conexões no Brasil, assim como os amalgamentos relacionados à importação do esquema de análise “bourdieusiano” aos tipos de estudos em pauta.

---

<sup>22</sup> Ver o texto de apresentação do dossiê “Elites”, publicado na REPOCS – Revista Pós Ciências Sociais, de Grynszpan e Grill (2011).

Para isso, apoiamo-nos em informações obtidas junto aos repositórios de registros dos Grupos de Trabalhos da Anpocs em torno das “elites”, que funcionaram desde o final dos anos de 1970 até 2021. A inegável centralidade dos Encontros da Associação promovidos como espaço de aglutinação de interlocutores – oriundos de distintas instituições de ensino e pesquisa localizadas nas várias regiões do país, engajados na discussão e divulgação dos seus trabalhos – justifica o uso desse material. Afinal, o envolvimento nas atividades (em determinados estágios da carreira acadêmica) pode se constituir em trunfo de notabilização de indivíduos, de redes, de agendas de pesquisas e de temas transitiva ou pendularmente pertinentes às ciências sociais brasileiras.

Observamos que a preparação dos encontros, em todos os seus planos, é variável de acordo com o *espaço das problemáticas legítimas* mais amplas, com a imagem que os dirigentes em posição desejam projetar, e conforme outros parâmetros de gestão, de avaliação e de seleção (não explicitados) adotados de modo geral ou nas gestões específicas. Justamente por isso, acreditamos que as configurações sucessivas de GTs condensam e espelham traços (critérios de seleção e de hierarquização, princípios de divisão, preceitos de excelência, etc.), que se impõem em dadas conjunturas, portanto, não são estáticos. Representativos do estado de correlações de força, esses traços confessam a imposição de qualificações profissionais, institucionais e questões consideradas urgentes, definitivamente não restritas aos campos acadêmico ou científico.

Recortamos o universo empírico com agentes que participaram de, no mínimo, três diferentes edições dos GTs, visando circunscrever pesquisadores brasileiros ativamente identificados com o referencial de Pierre Bourdieu, com os “estudos de elites” e entre si. Como procedimento preliminar, coletamos e examinamos informações sobre 47 colegas (coordenadores, expositores, coordenadores de sessão e debatedores), que cumprem o requisito estabelecido. Para essa coleção de casos, sistematizamos as distribuições por região, instituições, disciplinas, formação no exterior (mestrado, doutorado, estágio de doutoramento e pós-doutorado) e os segmentos de elites privilegiados nas comunicações aprovadas. A partir dos dados coligidos, qualificamos não apenas as duas grandes fases de funcionamento das atividades dos grupos (do final da década de 1970 até 1996; depois, do ano de 2007 até 2021<sup>23</sup>) como, em um panorama geral e diacrônico, avistamos que esses dois momentos abrangem clivagens e nuanças (por exemplo, sobre os usos e significados da ideia de “elite” nas pesquisas nacionais), bem como regularidades nem sempre tão aparentes.

---

<sup>23</sup> Grupos de Trabalho dedicados à temática “elites” não foram disponibilizados em Encontros Anuais entre 1997 a 2006 e em 2022, 2023 e 2024, o que, talvez, possa ser explicado por uma análise sobre o que está em jogo nas preferências ou interdições de certos temas (e seus porta-vozes), em dados momentos e gestões de eventos desse tipo: o que não faremos neste texto.

## 2.1. Reconfigurações desde os Grupos de Trabalho sobre “elites” da Anpocs

Como sabemos, a Anpocs foi fundada em 1977, no bojo dos processos de “distensão” do regime militar e de “redemocratização do país”. Sua criação teria sido viabilizada como uma espécie de permissão “não só à comunicação entre os pares, como também à representação científica dos sociólogos perante o Estado, e, além disso, [para o exercício de] um papel de concessão de certas verbas de pesquisa” (Pécaut, 1990, p. 270-271).

Desde os anos 1950, políticas estatais criaram o CNPq e a Capes como instrumentos institucionais de apoio e gerenciamento da pesquisa científica e tecnológica. E, desde os anos 1960, uma série de instituições nacionais e estrangeiras de financiamento foram constituídas e incrementadas. As discussões sobre esse assunto comumente grifam os auxílios financeiros da Fundação Ford<sup>24</sup>, que colaboraram decisivamente à hegemonia dolarizada e à reprodução do monopólio do sudeste sobre a produção qualificada e qualificante da produção nacional de conhecimento. Apesar da clara e desigual distribuição regional das oportunidades de investigação, ensino e circulação, é nesse rastro que se dá a criação do sistema de pós-graduação nas universidades brasileiras, com sua expansão e burocratização em diferentes regiões do país. A proliferação de mestrados e doutorados foi entusiasmada pelo considerável aumento do orçamento geral destinado à pesquisa entre os anos de 1968 e 1982, e com as gerências do ministério e do CNPq<sup>25</sup>.

Foi a partir desse cenário de cimentação das ciências sociais e da pós-graduação no país que os dirigentes da Anpocs auxiliaram na “especialização disciplinar nas áreas de sociologia, antropologia e ciência política” durante a década de 1990, e que a entidade se afirmou como “centro de debates, de difusão de pesquisas e de constituição de grupos temáticos” (Barreira; Côrtes; Lima, 2018, p. 78), passando, então, a administrar o “trabalho político de representação, de constituição de instâncias de legitimação, de difusão, de consagração [...]” (Saint-Martin, 2022a, p. 170). A Associação é fundamentalmente constituída por programas de pós-graduação interessados em garantir a presença de seus membros nos eventos da entidade e em competir nos concursos promovidos, desde que tenham condições de pagar a taxa anual de filiação.

<sup>24</sup> A Fundação Ford ofereceu volumosas “dotações”, entre 1962-1982, para instituições brasileiras de ensino superior e pesquisa de ciências sociais, sobretudo do Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo Forjaz (1997), essa fundação funcionou como “esteio financeiro essencial” para instituições como Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e o Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos (IDESP). Ver também Barreira, Côrtes e Lima (2018) e Canêdo (2009).

<sup>25</sup> Além do fomento, verbas e bolsas de pesquisa, há o aumento de salários e extraordinário crescimento dos quadros discentes e docentes das universidades públicas e privadas. Ver Barreira, Côrtes e Lima (2018), Neves e Martins (2016), Martins (2009), Neves (2002).

Seguindo o registro disponível, a primeira fase de funcionamento do GT de “elites políticas” correspondeu aos anos de 1979 a 1996 (sempre com o mesmo nome). Portanto, a proposta está presente entre as poucas alternativas inaugurais ofertadas nos primeiros *Encontros...* Aparentemente, o grupo não era um território controlado por cientistas políticos com formação canônica de sotaque norte-americano, que talvez preferissem integrar outros grupos, como “Partidos, Eleições e Problemas Institucionais” ou “Estado e Democracia”. Saint-Martin (2022a, p. 162), que acompanhou o evento transcorrido entre 21 a 24 de outubro de 1986, notou que “os grupos de trabalho que tratam do Estado e da democracia, ou da política e dos partidos estão no centro das atenções” naquele período (Saint-Martin, 2022a, p. 163) e que expressões como “‘Democracia’, ‘democratização’, ‘redemocratização’, ‘avanço democrático’, ‘consolidação da democracia’, ‘transição democrática’, ‘questão democrática’, ‘Estado’, ‘partidos’, ‘política’”, predominavam “nos títulos das comunicações”, assim como, não fortuitamente, as preocupações políticas e militantes se manifestavam nas propostas de GTs.

Nesses primórdios até o final dos anos 1980, com base nos *papers* disponíveis, observamos o uso frouxo ou metafórico do termo “elite” e sua agilização relativa à história política dos grupos dirigentes ou com um tipo de sociologia política. De qualquer modo, a etiqueta era aplicada nos empenhos em decifrar conjunturas, eventos ou fenômenos considerados demarcadores das especificidades brasileiras (incluindo o apreço por estudar “elites empresariais”). A agilização menos circunspecta/reflexiva da ideia de “elite” estava em sintonia com o período de baixa especialização disciplinar.

As duas primeiras coordenações do grupo de “elites políticas” foram lideradas por Aspásia Camargo (então identificada por seu trabalho junto ao CPDOC/FGV) e Sergio Miceli (então professor da FGV/SP e da Unicamp, e pesquisador do IDESP). Ambos ostentam vínculos com Bourdieu, mesmo que com diferentes intensidades.

Aspásia foi orientada pelo sociólogo francês no mestrado. Em seu depoimento para o projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida” – entrevista conduzida por Celso Castro e Mario Grynszpan/CPDOC/FGV (Camargo, 2012, p. 44) –, ela enfatiza a forte importância de Bourdieu e o quanto a “ideia de campo político” impactou seus estudos, mesmo tendo preferido (por influência de Cândido Mendes e de Daniel Pécaut), depois, aderir à orientação de Alain Touraine.

Quando Aspásia foi para Paris em 1967, esteve na *École Pratique des Hautes Études* e conviveu com Moacir Palmeira<sup>26</sup>, quem descreve como um “querido amigo” e “muito importante também na minha vida intelectual” (Camargo, 2012,

---

<sup>26</sup> Para registros da relação entre Pierre Bourdieu e Moacir Palmeira ainda nos anos 1960 e da importância desse último à circulação da “obra” de Pierre Bourdieu no Brasil, ver Bortoluci, Jackson e Pinheiro Filho (2015).

p. 29). Inclusive, quando ela retornou ao Brasil, em 1974, Moacir teria interferido na sua instalação inicial como professora do Museu Nacional. Logo após, Aspásia ingressou na FGV/CPDOC e no Iuperj – instituição na qual se sentiu “um pouco isolada, por causa da natureza do trabalho” (Camargo, 2012, p. 33), notadamente no que diz respeito à perspectiva metodológica adotada no “estudo de elites”.

A ascendência da tradição francesa e das bases dos estudos tanto das “elites políticas” como das “lideranças camponesas”, com ênfase nas biografias, ciclos de vida e momentos históricos<sup>27</sup>, foram igualmente adquiridas pelo contato com Daniel Bertaux, caracterizado “como o homem das histórias de vida” (Camargo, 2012, p. 29). Como uma espécie de síntese, vale destacar a descrição sobre a pesquisa realizada, que resultou no livro sobre o golpe de 1937 (Camargo *et al.*, 1989):

[...] eu estava querendo reconstituir o campo político das elites, entendendo por elite o que se pode se dizer que eram as pessoas que tomavam as decisões, que tomaram decisões estratégicas, no curso desse processo tumultuadíssimo da história brasileira. Então a ideia de estudar elites políticas pela via da história oral causava urticária e repulsa a muita gente. E aí começou a composição das elites, origens, a matriz da socialização política, a gente começa a perceber que tem sempre um momento mágico em que... É o batismo político. Então, tinha muito de antropologia ali também. O batismo político e tal. E a ideia era ouvir os dois lados do grupo que dominou o Brasil nessa época e uma discussão incrível sobre metodologia. E, na verdade, todo o esforço que eu fiz foi introduzir a história de vida como instrumento de... Não só de orientação da coleta do material, porque se não tiver alguma coisa consistente você pode ouvir qualquer coisa. (Camargo *et al.*, 1989, p. 38).

Entre os aspectos da sua trajetória, Aspásia Camargo conta da relação com Cândido Mendes<sup>28</sup>, do qual foi substituta, “aos vinte e poucos anos de idade”, na disciplina “Estrutura e dinâmica da sociedade brasileira”, na PUC-RJ. Naquela circunstância, teve como alunas Celina Amaral Peixoto (fundadora do CPDOC), Lígia Sigaud (antropóloga do Museu Nacional, com contatos na França, com o grupo de Bourdieu e ex-esposa de Moacir Palmeira) e Sérgio Miceli, entre outros.

Como é notório, Miceli (que consta como coordenador do GT pelo menos entre 1983 e 1984, edições nas quais apresentou resultados da sua pesquisa sobre “elites eclesíásticas”) fez parte da equipe de Bourdieu, tendo sido seu orientando de

<sup>27</sup> Ver Reis e Barreira (2018).

<sup>28</sup> Herdeiro de uma família de notáveis, ele foi o terceiro conde de Mendes de Almeida. Advogado e professor, aparece também como sociólogo, cientista político e escritor. Principalmente foi reitor da Universidade Cândido Mendes, instituição conhecida por ter acolhido o Iuperj (instituto que, com o apoio da Fundação Ford, criou o segundo mestrado e o primeiro doutorado em ciência política do país), fundada por seu bisavô (o primeiro conde).

doutorado. Sob sua coordenação no GT, o grupo contou com o *paper* de Francine Muel-Dreyfus (EHESS, notabilizada por seus estudos sobre educação e gênero, operacionalizando o referencial “bourdieusiano”) intitulado *Inégalités sociales et culturelles, élites politiques et phénomènes de délégation: à propos de recherches françaises récentes en sociologie politique*. Entre autores/as com textos disponíveis na mesma edição (1984), estão Aspásia Camargo e Héglio Trindade. Cientista político e ex-reitor da UFRGS, Héglio fez pós-graduação na França, assim como os igualmente participantes do GT na primeira fase e cientistas políticos Sebastião Velasco e Cruz (UNICAMP) e Eduardo Kugelmas (USP).

Eli Diniz (IUPERJ) (amiga de Aspásia desde o curso de graduação) foi coordenadora do mesmo GT entre os anos de 1986 a 1992 (excetuando 1988, no qual a tarefa foi de Maria Antonieta Leopoldi/UFF). Durante todas essas gestões, foram relativamente constantes também as colaborações das cientistas políticas, com assentamentos na sociologia e na história, Maria Cecília Forjaz (USP) e Dulce Chaves Pandolfi (CPDOC/FGV), entre outras. Saint-Martin (2022a, p.164) chegou a verificar ser este um momento no qual as mulheres nesse grupo eram “majoritárias” e “de origem social elevada”. Aliás, foi durante a gestão de Miceli como secretário-geral da Anpocs que Saint-Martin frequentou um dos encontros da entidade (em 1986). Suas anotações sobre o evento foram publicadas em artigo da *Actes de la recherche en sciences sociales* (1988)<sup>29</sup>, há pouco tempo traduzido para o português (Saint-Martin, 2022a).

Sob a coordenação de Diniz, parece-nos que houve uma espécie de transição na composição do GT. Por exemplo, eram assíduos Maria Rita Loureiro (socióloga com pós-doutorado na EHSS, autora do livro “Os economistas no governo”, estudo vigorosamente inspirado na noção de *campo* de Pierre Bourdieu) e Renato Lessa (Iuperj). Este último coordenou o grupo na sua fase mais preponderantemente neo-institucionalista (anos 1990) e já afetado por concepções de “ciência política” e de “rigor científico” importadas dos Estados Unidos e empunhadas como matriz estruturante da disciplina pelos cientistas políticos brasileiros<sup>30</sup>. Isso, junto com o estágio de cristalização das divisões disciplinares e das preocupações de defesa das fronteiras em relação à definição dos objetos e das suas próprias teorias, endossou

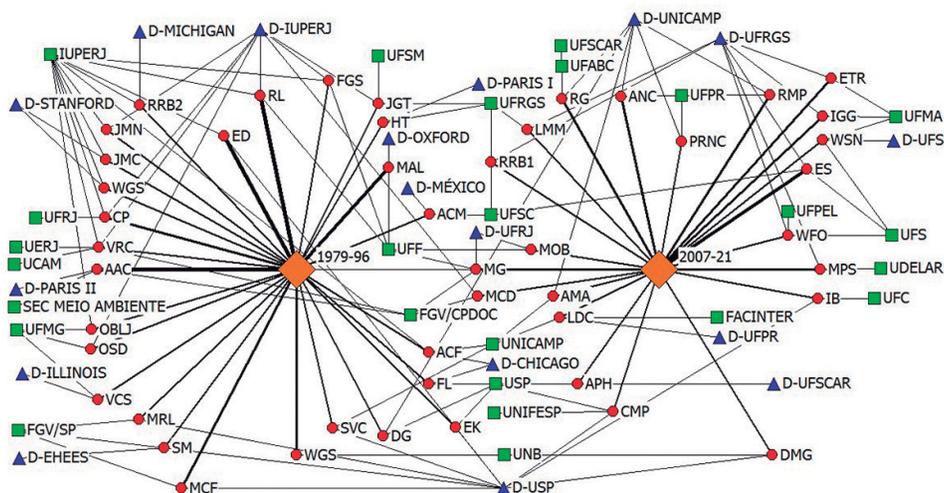
<sup>29</sup> O artigo compôs o dossiê “*Penser la politique 1*”, citado anteriormente, na nota 16.

<sup>30</sup> Se a hegemonia estadunidense e da *dolarização do conhecimento* na configuração brasileira e nas ciências sociais em geral é lugar comum, na ciência política isso é particularmente demarcador da sua “identidade” desde os anos 1960. Não por acaso, o Iuperj e o Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFMG, especializados na formação em ciência política, contaram desde o início com o apoio da Fundação Ford e privilegiaram pesquisadores – a maioria com PHD nos EUA. Segundo Forjaz (1997, p.05) essa “Fundação influenciou enormemente a formação de novas elites intelectuais permeáveis aos padrões da produção acadêmica norte-americana. Formar elites e influenciar o *policy-making* no Brasil fez parte da estratégia política da Ford e de outras organizações americanas concatenadas com o projeto mais amplo de hegemonia na América Latina”. Ver também Canêdo (2009).

(provavelmente entre outros motivos) a captura do GT na segunda parte da primeira fase de seu funcionamento.

Em todo o período referente à primeira fase, prevaleceram investigadores instalados em instituições de ensino e pesquisa localizadas no sudeste do país, mormente ligados às seguintes instituições: IUPERJ, FGV/CPDOC, FGV/SP, UFF, USP, UFMG e UNICAMP (ver lista dos agentes e instituições no Anexo deste artigo). Entre eles, 20 doutores em ciência política (quase 75%) com títulos obtidos nessas instituições ou no exterior (mais seguidamente nos EUA, Inglaterra e França, sendo somente um caso que estudou no México).

**Grafo 1** – Participantes e inscrições institucionais



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

Para expor visualmente o espaço de participantes frequentes, à esquerda do Grafo 1 estão pesquisadores/as mapeados/as nas edições referentes à primeira fase, e à direita estão cientistas sociais dos anos 2000. Os dois períodos são representados pelos balões laranjas no centro do grafo; os triângulos azuis informam as instituições de doutoramento dos agentes; e os quadrados verdes as instituições de atuação. As linhas de conexão que partem dos círculos vermelhos com as iniciais dos agentes são tanto mais grossas quanto mais vezes ajudaram nas atividades.

Na segunda fase (2007-2021), os componentes aparecem ligados a distintas instituições de ensino localizadas em diversas configurações regionais do país. Comparativamente ao período anterior, observamos: 1) a maior diversidade institucional e, em vista disso, regional, com pertencimentos a instituições como: UFPR,

UFSCAR, UFABC, UNIFESP, UFRGS, UNICAMP, UFMA, UFSC, UFC, UNB, USP e UFS (ver lista dos agentes e suas respectivas instituições no Anexo deste artigo); 2) a diminuição do número de doutores em ciência política – localizamos 11 casos (pouco mais de 50%)<sup>31</sup>, e com recorrentes reivindicações e harmonizações na sociologia política; e 3) a ausência de indivíduos com doutorado em instituições norte-americanas ou inglesas (nesse momento, os pesquisadores circularam mais pela França e para missões de estágios de doutoramentos ou pós-doutoramentos).

Como acontece nos movimentos relacionalmente estruturados, a entrada dos últimos (de instituições menos centrais e com formações mais heterodoxas) coincidiu com os deslocamentos dos “pioneiros” e seus “nomes próprios” para outros GTs ou atividades. Isso, por certo, coaduna-se aos momentos das carreiras acadêmicas e às percepções sobre como administrar o investimento em especializações talvez mais legítimas e rentáveis nas suas respectivas disciplinas.

Outros fatores indicados devem ter cooperado para a crescente variação disciplinar dos participantes, dos universos investigados e das dimensões priorizadas nas análises das “elites”. Frisamos, de um lado, as modificações mais amplas no sistema de ensino e da pós-graduação no Brasil, a diversificação dos perfis sociais dos agentes, o processo de expansão de vagas para docentes e o incremento dos PPGs de regiões que não o sudeste. A ampliação das ofertas de postos e carreiras (ainda que a base de formação privilegiada continue sendo as instituições centrais como certificadoras às chances de circulação, de alocação e de reconhecimento profissional) com certeza interfere nessa reconfiguração.

E, de outro lado, a convergência: da afirmação dos estudos “bourdieusianos” para a análise do *campo do poder* na França (e sua exportação para a configuração brasileira); da intensificação das traduções dos seus textos e livros, junto com a popularização e uso (mais ou menos metafórico, alusivo ou reflexivo), sobretudo das ideias de *campo* e de *trajetória*; da possível ressonância tardia do declínio dos “estudos de elite” na ciência política norte-americana nos anos 1970; e da maior especialização das três áreas das ciências sociais – progressivamente dividindo-se em questões específicas, com a multiplicação dos universos empíricos abordados; entre outras.

Com a reabilitação das atividades dos GTs sobre “elites”, as versões ganharam títulos com algumas variações indicativas: “Elites e Instituições Políticas”; “Grupos Dirigentes e Estruturas de Poder”; “Elites e Espaços de Poder”; “Elites e Formas de Dominação”; e “Elites, Espaços e Formas de Dominação”.

O primeiro momento dessa fase (entre 2007-2009) trouxe como espólio da primeira o quase monopólio da ciência política e o foco prioritário no espaço político

---

<sup>31</sup> Tendências também apontadas por Petrarca e Oliveira (2018), em estudo sobre a história do GT realizado a partir de recortes, preocupações e conclusões muito diferentes daquelas que desenvolvemos aqui.

(parlamentar, partidário, administrativo, burocrático, etc.). Porém, agora, com o requerimento mais nítido à aplicação legítima da “genealogia” dos estudos de “elites políticas” (como sinônimo de “elites governantes”), e reflexões apoiadas e justapostas a outros prismas analíticos, com proeminência das versões de “marxismos” e de “bourdieusianismos”. Deste modo, as pretensões de explicar as “elites no poder” deixaram de ser escoradas apenas em ângulos institucionalistas ou metafóricos, e gradativamente a atenção dispensada às bases sociais dos recrutamentos e às estratégias de reprodução/legitimação foram se solidificando.

A diminuição paulatina da presença de cientistas políticos convictos beneficiou o aumento de propostas sobre uma pluralidade de segmentos: econômico, militante, profissional, judiciário, militar, religioso, científico e outros domínios e práticas culturais, em especial os intelectuais. Desde 2010, estendendo-se até 2021, houve claramente a matização das “elites” concernidas e a diversificação dos perfis (geográficos e institucionais)<sup>32</sup> dos protagonistas das discussões. Aditado à contínua incorporação de pesquisadores e pesquisadoras com formações híbridas (menos disciplinarizadas), vieram as apostas no caráter multidimensional do mundo social e dos universos empíricos de análise. E os vínculos de pesquisadores e pesquisadoras brasileiros/as com cientistas sociais próximos de Bourdieu ou com sociólogos da política foram ampliados, contribuindo para isso as estadas de doutoramentos (os doutorados-sanduíches) e as transmissões via teias extensas de orientações de intérpretes (mais ou menos autorizados/reconhecidos/notabilizados) do autor no Brasil.

## 2.2. Elos de orientações e circulação de Bourdieu no país

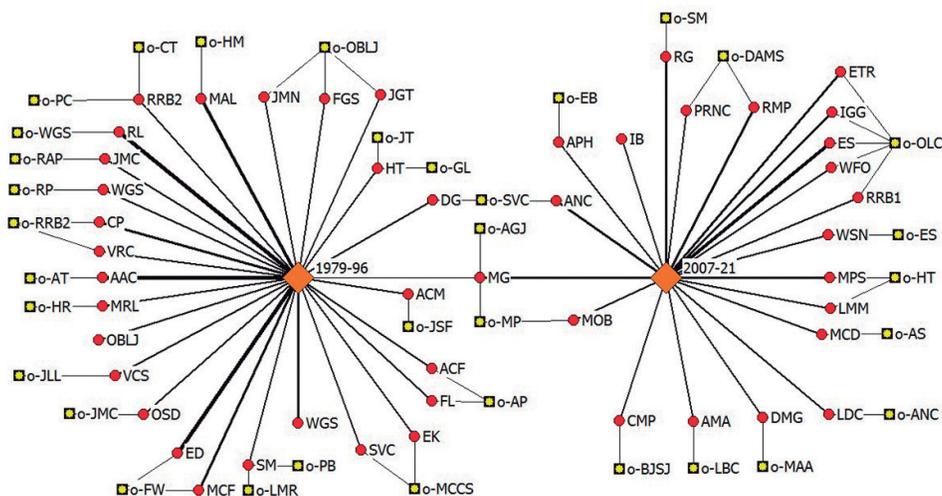
Se, aparentemente, os elementos gerais apontam somente para uma descontinuidade das pessoas, das instituições e das temáticas – denotamos dois períodos, apartados por um intervalo de quase dez anos, com saídas de personalidades para formarem novos e mais legítimos espaços de diálogo e constituído por gerações diferentes –, a reconstituição menos rápida traz à tona a persistência de elos, que autorizam alinhar circuitos de trocas, influências e até transmissões endógenas a partir de agentes alocados nas instituições centrais, desde a primeira fase.

Grynszpan

---

<sup>32</sup> Pela observação *in loco* de quase todas as edições na segunda fase, entrevemos que a extração social tende a ser mais baixa. Mas não temos dados de origem que permitam afirmar categoricamente essa mudança de perfil social.

**Grafo 2 – Participantes e orientadores**



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

Um dos primeiros coordenadores do GT, Sergio Miceli – em entrevista concedida ao projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida” e realizada por Helena Bomeny (2012, p.14) – conta que, quando estava definindo a sua ida para a USP (no final da década de 1980) ficou “em dúvida” sobre qual departamento escolheria: “porque, na Ciência Política, estão os meus amigos”, nomeando Maria Tereza Sadek e Leôncio Martins Rodrigues (e a influência de Leôncio como orientador é pouco mencionada ou aprofundada nas tantas reconstituições biográficas feitas por Miceli, em comparação à exaltação da relação com Bourdieu).

Notabilizado sociólogo e cientista político da Unicamp, Leôncio se destacou na sistematização e análise de dados biográficos para a compreensão do domínio sindical do país (ele próprio com GT sobre sindicalismo bastante consolidado nas décadas iniciais dos Encontros da Associação). Inclusive, seu papel foi enaltecido na formação, no âmbito do Programa de Pós-graduação de Ciência Política da Unicamp, de coordenadores do GT do início da segunda fase de funcionamento.

Renato Perissinotto, um dos coordenadores do grupo “Elites e Instituições Política” (2007-2009), em recente homenagem na Anpocs (2021), frisou a influência de Martins Rodrigues no Núcleo de Pesquisa em Sociologia Política da UFPR, principalmente no sentido de estudarem trajetórias, origem social, formação escolar, perfis, enfim, os supostos atributos das “elites”. Perissinotto (2021) arrola aquelas que ele julga serem as publicações mais impactantes do pesquisador da composição social da “elite política”: os livros *Quem é quem na constituinte; Partidos políticos,*

*ideologia e composição social: um estudo das bancadas partidárias na Câmara dos Deputados; Mudanças na classe política brasileira;* e o capítulo de livro *O PCB: os dirigentes e a organização*, que compôs o terceiro tomo da *História Geral da Civilização Brasileira*, coletânea organizada por Boris Fausto (1981), no volume “Sociedade e Política (1930-1964)”.

Dividida em três livros (*Processo político, Partidos políticos e instituições, Classes sociais e classes dirigentes*) e onze capítulos, a publicação conta, entre seus autores e autoras, com Dulce Pandolfi, Eli Diniz, Aspásia Camargo, Héglio Trindade, Décio Saes (o orientador de Perissinoto no mestrado e no doutorado realizados na Unicamp), Sérgio Miceli<sup>33</sup>, além do próprio Leôncio Martins (sendo que os três últimos assinam os três capítulos que formam o livro terceiro). À vista disso, observamos a presença de celebridades das edições do grupo original de “elites políticas”, quase todos/as com passagens pela França e que, de algum modo, influenciaram nas escolhas temáticas e nas estratégias metodológicas mobilizadas por participantes da segunda fase.

Três dos 26 agentes ativos no primeiro período de funcionamento do GT constam como orientadores de participantes da segunda fase, sendo que três desses participantes chegaram a ser coordenares do grupo: Héglio Trindade (UFRGS) orientou Miguel Serna (que coordenou o GT entre 2007 e 2010), Sebastião Velasco Cruz (Unicamp) foi orientador de Adriano Codato (coordenou entre 2012 -2014) e Sergio Miceli (USP) orientou Roberto Grün (coordenador do GT entre 2017-2018). Todos com estadas de estudos na França.

Apenas Mario Grynspan integrou o GT nas duas fases (sigla MG no centro do grafo). Graduado em história, ele atuou no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, onde iniciou, em 1977, como estagiário de Aspásia Camargo. Ambos são personagens centrais não apenas de edições de GTs sobre “elites” como do CPDOC: instituição criada em 1973, considerada e acessada como a principal fonte de caracterização das “elites dirigentes”. Sucessivas equipes de cientistas sociais e historiadores desse centro elaboraram o dicionário (biográfico) sobre a história do Brasil no período pós 1930, reunindo informações com base em entrevistas e diversos tipos de documentos (digitalizados), seguindo as diretrizes da história oral e história de vida praticadas na construção do acervo.

O doutorado de Grynspan foi em antropologia social (PPGAS/Museu Nacional/UFRJ) e ele fez estágios de pós-doutorado na EHESS. Conhecido justamente pelo trabalho sobre a “genealogia simbólica” da “teoria das elites”, apesar da pesquisa ser uma sociologia histórica dos autores, de suas trajetórias, da circulação

---

<sup>33</sup> De Sérgio Miceli (1981), o capítulo “Carne e osso elite política brasileira pós-1930” é considerado por alguns como precursor no estudo de elites políticas a partir do esquema “bourdieusiano” no país.

e apropriações dos seus textos, a associação ao tema (tradicionalmente de encargo da ciência política) contribuiu ao seu alinhamento junto aos então jovens cientistas políticos empenhados na restauração do GT sobre “elites políticas”.

A posição de Grynszpan, ao mesmo tempo de continuidade e de diversificação dos grupos de trabalho com a mesma rubrica, deve guardar relação com a consonância de inclinações com a tradição antropológica trazida do Museu Nacional, a partir da liderança de Moacir Palmeira (seu orientador de mestrado) e da relevância de Afrânio Garcia Jr. (seu orientador da tese de doutorado intitulada “As elites da teoria”).

Saint-Martin (2022b, p. 159) salientou que, para a vinda ao Brasil em 1986, apoiou-se em “uma rede internacional de trocas científicas entre Brasil e França, iniciada por Moacir Palmeira do Museu Nacional no Rio de Janeiro, e por Sergio Miceli, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo”. E ela adiciona que Afrânio Garcia Jr. e Marie-France Garcia-Parpet estavam na França desde o final dos anos 1960, e “tornaram-se ambos, desde muito tempo, peças-chave da rede, conhecedores das duas sociedades, de suas instituições de ensino e de pesquisa, de suas contradições e das tensões que as atravessam” (Saint-Martin, 2022b, p. 159).

E, de fato, Garcia Jr. exerce papel duplamente central nas discussões sobre “elites”. Por um lado, é um dos autores de referência à ativação do esquema analítico de Bourdieu em investigações sobre intelectuais e trajetórias, abordando imbricações entre dimensões sociais, culturais e políticas<sup>34</sup>. E, por outro lado, viabilizou a inscrição de pesquisadores e pesquisadoras (em diferentes níveis de carreiras) em convênios (especialmente em projetos Capes-Cofecub<sup>35</sup>) e junto ao *Centre de Recherche Sur le Brésil Contemporain* (CRBC/EHESS), por ele dirigido entre 1996 e 2009<sup>36</sup>.

Nessas iniciativas foram reunidos profissionais que, em distintos momentos, deslocaram-se para a França visando fazer seus pós-doutorados, como o próprio Grynszpan, Roberto Grün, Ana Maria Almeida, Letícia Bicalho Canêdo e Odaci Luiz Coradini<sup>37</sup>. Não por acaso, todos e todas são reputados/as como responsáveis pela divulgação do modelo, das temáticas em linha e dos contatos com as referências ou interlocutores franceses. Sem deixar de citar os tantos alunos e alunas por eles orientados/as, que tiveram chances de estágios de estudos doutorais na França. Em equipes de cooperação internacional<sup>38</sup>, encontram-se as parcerias com Monique

<sup>34</sup> Ver, entre muitos outros, Garcia Jr. (1993; 2007; 2011).

<sup>35</sup> Programa criado em 1978 para promover a interlocução e circulação de pesquisadores vinculados a instituições do Nordeste e francesas, depois, principalmente desde 1981, ampliado para as outras regiões do país e capturada pelas instituições centrais (Barreira; Côrtes; Lima, 2018).

<sup>36</sup> Ver depoimento de Garcia Jr. em entrevista realizada por Gheorghiu na REPOCS (Garcia Jr; Gheorghiu, 2020).

<sup>37</sup> Segundo levantamento feito por Petrarca e Oliveira (2018), Grün, Miceli, Coradini, afora o próprio Bourdieu, estão entre os autores mais citados nos *papers* apresentados nos GTs de “elites” da Anpocs.

<sup>38</sup> Projetos financiados, na primeira década do século XXI, pelo Convênio Capes-Cofecub e intitulados: “Práticas e metodologias da sócio-história do político”, “Internacionalização dos Intercâmbios Científicos

Saint-Martin, Yves Dezalay<sup>39</sup>, Vitor Karady<sup>40</sup>, Michel Offerlé, Christophe Charle, Bernard Pudal, Brigitte Gaïti, entre outros/as.

Entre os brasileiros citados, só Odaci Luiz Coradini nunca esteve em nenhuma versão de GTs. Entretanto, foi orientador de cinco componentes assíduos da segunda fase (Ernesto Seidl, Eliana Tavares dos Reis, Igor Gastal Grill, Wilson Ferreira Oliveira e Rodrigo da Rosa Bordignon): quatro deles fizeram doutorado-sanduíche em Paris (orientados por Monique de Saint-Martin, Afrânio Garcia Jr., Michel Offerlé e Christophe Charle); três deles foram coordenadores de GTs.

Seidl (em contribuição neste número) delineou as principais características e influências de Coradini e seus orientandos<sup>41</sup>. Por aqui, realçamos apenas que, por conta do seu perfil (graduação em geografia; mestrado em ciência política na UFMG com a orientação de Bernardo Sorj; doutorado em antropologia no Museu Nacional, sob a orientação de Moacir Palmeira; inserção profissional na área de ciência política da UFRGS), Coradini empreendeu estudos sistemáticos sobre distintos domínios políticos e culturais (parlamentares, religiosos, universitários, burocráticos, literários...). Nos seus trabalhos, sempre ressaltou tanto as justaposições entre as dimensões políticas e culturais, quanto os efeitos das divisões centro/periferia e dos imperativos das lógicas de importação de modelos à hierarquização da configuração nacional brasileira<sup>42</sup>. Sem dúvida, ele foi decisivo à disseminação (mesmo que restrita) da apropriação do livro de Daniel Pécaut “Os intelectuais e a política no Brasil”<sup>43</sup> e dos trabalhos de Daniel Gaxie, Michel Offerlé, Bernard Pudal, Bernard Lacroix, Jacques Lagroye, Delphine Dulong, Joahna Simeánt-Germanos, Annie Collovald, Brigitte Gaïti e Frédéric Sawicki, entre outros<sup>44</sup>.

Entre os 21 casos de agentes com três ou mais participações em edições de GTs nos últimos anos, 11 realizaram doutorados-sanduíche e sete pós-doutoramentos na França, incluindo a socióloga Irllys Alencar Firmo Barreira e o antropólogo Marcos Otávio Bezerra (orientado no mestrado e no doutorado por Moacir Palmeira). Com pesquisas de fôlego sobre a “política”, ambos são pertencentes ao Núcleo de Antropologia da Política (NUAP/Museu Nacional, dedicado a estudos classificados como de antropologia da política), ao qual também tiveram/têm associação Palmeira

---

e Recomposição das Elites Nacionais” e “Trocas científicas internacionais e reconversão das elites”.

<sup>39</sup> Consultar, em português, os textos de Dezalay, em parceria com Bryant Garth, sobre elites na América Latina e na Índia (Dezalay; Garth, 2000; 2015).

<sup>40</sup> Artigo instigante de Karady sobre conversões socioprofissionais na elite húngara foi traduzido para publicação na REPOCS (Karady, 2015).

<sup>41</sup> As pesquisas e reflexões desenvolvidas com as mesmas orientações analíticas foram aglutinadas em várias publicações. Ver, por exemplo, as coletâneas: Coradini (2008), Seidl e Grill (2013), Reis e Grill (2016), Grill e Reis (2020), entre outros.

<sup>42</sup> Algumas amostras da forma como articulou essas dimensões podem ser observadas em Coradini (1998; 2014; 2012).

<sup>43</sup> Segundo Petrarca e Oliveira (2018), também um dos autores mais citado nas edições de GTs.

<sup>44</sup> Seidl, na contribuição a este número, destaca igualmente as influências da sociologia histórica e comparada da política via Bertrand Badie e Guy Hermet.

(um dos fundadores), Coradini e dois dos seus ex-orientandos listados anteriormente como atuantes no GT<sup>45</sup>.

Em artigo que mapeou os “estudos sobre elites políticas e poder local nos últimos vinte anos no Brasil”, Arruda e Kerbauy (2016) apontaram Coradini como o quinto pesquisador mais citado nas referências de trabalhos sobre “elites” no Brasil. Vale observar que no ranqueamento apresentado há os dez autores mais referenciados e, da quarta à sétima posições, estão, respectivamente: Roberto Grün, Odaci Luiz Coradini, Maria Alice Nogueira e Igor Gastal Grill (Arruda; Kerbauy, 2016, p. 24), sendo que Grün e Grill são ex-coordenadores do GT na última fase, e todos/a mencionados/a declaradamente “bourdieusianos/as”.

Roberto Grün é figura central no período mais recente. Orientado no mestrado por Andréa Loyola (pesquisadora reconhecida pela incorporação de Bourdieu nos seus estudos e por sua divulgação no Brasil), no doutorado por Miceli, e em pós-doutorado por Bourdieu, seu alistamento orgânico nas reflexões do GT culminou na coordenação das atividades no biênio 2018-2019. Além de recolocar no primeiro plano as reflexões sobre o segmento econômico do espaço do poder brasileiro, propondo férteis bases analíticas e temáticas (antes concentradas nos estudos sobre empresários), Grün acumula trabalhos sobre o espaço político, que também inspiram investigações voltadas às intersecções entre distintos domínios e lógicas sociais. Mormente, suas intervenções e as de seus/suas ex-orientandos/as (com destaque para o trabalho realizado por Chaves Jardim, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Sociedade, Emoções, Poder, Organização e Mercado/NESPOM/UNESP) têm lançado luzes sobre a necessidade de entender processos de recomposição de “elites” e as batalhas travadas em várias arenas e sob diversos registros no contemporâneo cenário público brasileiro. Ele promoveu fecundas linhas de investigações ancorado em experiências de pesquisas, que vão desde as relações entre processos de imigração de grupos etnicamente identificados e as transformações morfológicas dos domínios econômicos e políticos do país no século XX, até às lógicas de dominação simbólica, suas bases culturais e morais, presentes nos processos de “financeirização” nas últimas décadas, passando pela sociologia dos escândalos<sup>46</sup>.

No ranqueamento citado, Renato Perissinotto e Adriano Codato estão no alto das preferências por citações desferidas ao tema das “elites”. Isso não deixa de estar relacionado à série de investimentos institucionais na criação e na ocupação

---

<sup>45</sup> O programa de pesquisas do NUAP, desenvolvido desde meados dos anos 1990, possibilitou a incorporação de outros prismas no tratamento dos fenômenos e práticas atinentes aos domínios políticos, atentando às distintos sentidos e configurações de Estados, partidos políticos, ações coletivas, economia, redes de parentesco, trocas, etc. e à complementaridade de lógicas (formais/informais, institucionais/pessoais e assim por diante) em cena. Ver a apresentação do dossiê da REPOCS “Antropologia, Política e Estado”, de Bezerra e Grill (2017).

<sup>46</sup> Para uma ideia da sua produção, ver, entre tantas, algumas publicações (Grün, 2018; 2015; 1995).

de espaços, bem como na administração de redes centrais de relações. Esses autores têm sido exitosos na condução de uma revista muito bem classificada (Revista de Sociologia e Política, da Universidade Federal do Paraná), da qual são fundadores/editores, e que aparece como o veículo que disparadamente (68 artigos contra 29 artigos da segunda colocada, a revista de ciência política Opinião Pública) publica o maior número de textos sobre “elites” no país (Arruda; Kerbauy, 2016).

Em que pesem as contagens citadas (de autores e de revistas) serem de 2016, tudo indica que eles continuam no topo dos mencionados quando o assunto são as “elites”. Até mesmo porque, de lá para cá, afirmaram-se ainda mais como representantes nacionais da “disciplina mãe” (ciência política). Vinculados a um Programa de Ciência Política (UFPR) que ascendeu nos critérios de avaliação da Capes, ambos ocuparam/ocupam posições dominantes nas principais entidades representativas: Perissinotto já foi presidente da Associação Brasileira de Ciência Política (2016-2018) e Codato foi o coordenador adjunto do comitê da área na Capes (2018-2022), além de ser o atual presidente da Anpocs. Dessa forma, os dois ex-coordenadores do início da segunda fase contam com todas as certificações valiosas à aquisição de reconhecimento como “autores” legítimos de serem referenciados. Tais créditos têm autorizado diligências na defesa de salvaguardas temáticas, teóricas, metodológicas, com projeções, interdições e incitações com poucas *disposições* e condições de revide.

## Apontamentos finais e gerais

Neste artigo, os GTs sobre “elites” da Anpocs serviram de *locus* ao mapeamento de redes tecidas e, por conseguinte, ensejaram pistas à apreensão das formas de circulação do referencial de Pierre Bourdieu a partir das relações entre pesquisadores e pesquisadoras brasileiros/as e franceses/as. Com base na descrição feita, sustentamos a plausibilidade de três tendências na última fase do GT: 1) o maior interesse dos diferentes pesquisadores/as das ciências humanas (cientistas políticos, antropólogos, sociólogos, historiadores, educadores, etc.) por outras dimensões e instâncias de exercício do poder, além das políticas; 2) o incremento de estudos abrigados em áreas como sociologia política, antropologia da política, sociologia histórica, história política, sociologia da cultura, sociologia da economia, sociologia da educação, sociologia da religião, sociologia do direito; e 3) o exame objetivista e perspectivista, cada vez mais minucioso de agentes especializados, instituições, práticas, papéis, representações, etc., julgados como cruciais à compreensão de dinâmicas/lutas sociais, em geral, e políticas, em especial.

Em nossa visada das distintas versões dos grupos de trabalho sobre “elites”, observamos, de um lado, a reiterada utilização de dados e análises quantitativas

sociologicamente eficientes ao tratamento de objetos rigorosamente construídos. E, de outro lado (mesmo que com exceções), a contínua agilização de análises qualitativas de trajetórias (individuais e coletivas), na maioria das vezes combinadas a localizações histórico-conjunturais para a apreensão de inserções, trânsitos e intercâmbios entre agentes bem situados no plano social mais amplo e nos domínios de atividades específicos. Aliás, a despeito das tomadas de posição (com ênfases diferenciadas), poderíamos dimensionar essas discussões, salientando o caráter precípua das informações biográficas ou das características sociais dos agentes – por vezes de inspiração herdada (e explicitada) da “história das elites” e/ou da tradição marxista, e robustamente relacionadas/ajustadas/superadas no acionamento do esquema analítico “bourdieusiano”.

No âmbito da ciência política e da sociologia política, em particular no campo de estudos sobre “elites” constituído no Brasil ao longo dos últimos 40 anos, a clivagem comumente sublinhada é aquela entre as abordagens com ênfase societal (baseada na mobilização de dados de origens sociais ou *background* social, como sexo, características dos ascendentes, religião, patrimônio, títulos, ocupações, etc.), e aquelas de cunho institucional (que priorizam a utilização de informações relativas à sequência de cargos ocupados por indivíduos ou grupos em uma instituição, às etapas de treinamento em uma carreira, ao aprendizado de um ofício, etc.). E são claras as competências e apetências de alguns cientistas sociais para acionar/atualizar as dualidades estéreis (condicionantes sociais *x* estratégias; explicações exógenas ou externalistas *x* endógenas ou internalistas; ênfases qualitativas ou subjetivistas *x* quantitativas ou objetivistas, e por aí vai).

Contudo, é na superação dessas oposições (produto e produtoras de lutas por jurisdições disciplinares) que residem tanto a riqueza como os desafios da operacionalização do esquema analítico “bourdieusiano”. Sabemos que os referenciais e os instrumentos de objetivação nas ciências sociais são quase sempre construídos ou adotados uns em contraposição aos outros, de modo que soluções alternativas são usualmente pensadas como dicotômicas. A orientação categórica, todavia, é sempre no intuito de implodir os antagonismos infecundos e procurar agenciar, de alguma forma, a recomposição da unidade dessas ciências. Para tanto, é preciso recusar a disputa ou a imposição das especializações disciplinares e temáticas sem, no entanto, dispensar a profícua especialização analítica.

Temos condições de avançar nos encaminhamentos pertinentes ao uso da sociologia “bourdieusiana” aos trabalhos sobre “elites”, com as suas matizadas formas e ênfases. Enfatizamos a existência de pesquisas atentas às propriedades e posicionamentos de agentes com múltiplos perfis e inscritos em distintos universos empíricos. Nessas, as informações são coletadas, sistematizadas e analisadas a partir de diversas e criativas estratégias metodológicas, com enquadramentos diacrônicos e

sincrônicos. As questões perseguidas – ao contrário do que alguns posicionamentos altamente envolvidos escudam – não são sobre quais os expedientes mais infalíveis para articular pontas (versões ou variáveis) concebidas como desligadas e, assim, melhor caracterizar as “elites no poder”. Mas sim refletir sobre como lidar com dimensões de análise capazes de apreendê-las naquilo que elas são impartíveis. Sobretudo os procedimentos de pesquisa aplicados são fundamentados em problemáticas edificadas no esteio do pensamento relacional para dar conta de configurações multidimensionais e instáveis de forças competitivas, por meio da apreensão de condicionantes, lógicas e mecanismos de afirmação de agentes desigualmente hierarquizados e mais ou menos autorizados a administrar classificações/definições do mundo social.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, L. R. V.; KERBAUY, M. T. M. Estudos sobre elites políticas e poder local. **Política Hoje**, Recife, v. 25, p. 11-40, 2016.
- BARRAULT-STELLA, L.; GAÏTI, B.; LEHINGE, P. Une sociologie du désenchantement. In: BARRAULT-STELLA, L.; GAÏTI, B.; LEHINGE, P. (org.). **La politique désenchantée?** Paris: Presses Universitaires de Rennes, 2019, p. 9-16. DOI: <https://doi.org/10.20336/rbs.259>.
- BARREIRA, I.; CÔRTES, S.; LIMA, J. C. A sociologia fora do eixo: diversidades regionais e campo da pós-graduação no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 6, núm. 13, Maio, p. 76-103, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5957/595765441006/595765441006.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- BEZERRA; M. O.; GRILL, I. G. Antropologia, Política e Estado. **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**. São Luís, v. 17, n. 27, p. 11-16, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v14n27p11-15>.
- BOLTANSKI, Luc. L'espace positionnel: multiplicité des positions institutionnelles et habitus de classe. **Revue Française de sociologie**. Année 1973, 14-1, p. 3-26.
- BORTOLUCI, J. H.; JACKSON, L. C.; PINHEIRO FILHO, F. Contemporâneo clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. **Lua Nova**, São Paulo, n. 94, p. 217-254, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-64452015009400008>.
- BOURDIEU, P. Estratégias de reprodução e modos de dominação. **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 17, n. 33, p. 21-36, 2020. DOI:10.18764/2236-9473.v17n33p21-36
- BOURDIEU, P. **La noblesse d'état**. Paris: Minuit, 1989a.

BOURDIEU, P. A representação política. In: BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989b, p. 163-206.

BOURDIEU, P. **Lições da aula**. São Paulo: Ática, 1988.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **O ofício de sociólogo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BRAUD, P. **La Science Politique**. Paris: PUF, 2001.

BRIQUET, J. L. Pertencimentos locais, experiências cotidianas e práticas políticas: clientelismo e politização na Córsega (Séculos XIX e XX). **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 17, n. 27, p. 17-32, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v14n27p17-32>.

CAMARGO, A. **Aspásia Camargo IV (depoimento)**. Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 37min), 2012.

CAMARGO, A.; PANDOLFI, D. C.; GOMES, E. R.; D'ARAUJO, M. C. S.; GRYNSPAN, M. **O golpe silencioso: as origens da república corporativa**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989.

CANÊDO, L. B. Les boursiers de la Fondation Ford et la recomposition des sciences sociales brésiliennes. Le cas de la science politique. **Cahiers de la Recherche sur L'Éducation et les Savoirs**, Paris, v. 2, p. 33-55, 2009.

CHAMPAGNE, P. **Formar a opinião: o novo jogo político**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAMPAGNE, P.; LENOIR, R. MERLIÉ, D.; PINTO, L. **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARLE, C. Concurrences entre elites et champ du pouvoir. In: COHEN, A.; LACROIX, B.; RIUTORT, P. (Orgs.). **Nouveau manuel de science politique**. Paris: La Découverte, 2009, p. 137-151.

CHARLE, C. Les elites de la république revisitado. **Tomo**, São Cristóvão-SE, n. 13, p. 15-42, 2008. DOI: <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i13.466>.

CHARLE, C. **Les élites de la republique**. Paris: Fayard, 1987.

COHEN, A.; LACROIX, B.; RIUTORT, P. (org.). **Nouveau manuel de science politique**. Paris: La Découverte, 2009.

CORADINI, O. L. As elites como objetos de estudos, novamente. In: REIS, E. T.; GRILL, I. G. **Estudos sobre elites políticas e culturais**. São Luís: Edufma, 2016, p. 127-139.

CORADINI, O. L. As missões da ‘cultura’ e da ‘política’: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). In: REIS, E. T.; GRILL, I. G. **Estudos sobre elites políticas e culturais**. São Luís: Edufma, 2014, p. 71-100.

CORADINI, O. L. Os usos das ciências humanas e sociais pelo catolicismo e pelo luteranismo e as relações centro-periferia. **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 9, n. 17, 2012, p. 67-99.

CORADINI, O. L. (org.). **Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul**: algumas contribuições recentes. Porto Alegre: EdUFRGS, 2008.

CORADINI, O. L. Panteões, iconoclastas e as ciências sociais. In: FELIX, L. O. *et al.* (org.). **Mitos & Heróis**: construção de imaginários. Porto Alegre: EdUFRGS, 1998, p. 219-240.

COT, J. P.; MOUNIER, J. P. Para uma Sociologia Política. Rio de Janeiro: Bertrand, 1976.

DAHL, R. **Who governs?** Democracy and Power in an American City. New Haven and London: Yale University Press, 1961.

DENORD, F.; LAGNEAU-YMONET, P. **Le concert des puissants**. Paris: Raisons d'agir éditions, 2016.

DEZALAY, Y.; GARTH, B. A construção jurídica de uma política de notáveis: o jogo duplo da elite do judiciário indiano no mercado da virtude cívica. **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v.12, n. 23, p. 37-59, 2015.

DEZALAY, Y.; GARTH, B. A dolarização do conhecimento técnico-profissional do Estado: processos transnacionais e questões de legitimação na transformação do Estado (1960-2000). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 163-175, 2000. DOI: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v12n23p37-60>.

DULONG, D. Por dentro e por fora: a subversão na prática. **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 17, n. 34, p. 53-72, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v17n34p53-72>.

FAUSTO, B. **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo 3 – O Brasil Republicano, v. 3 – Sociedade e Política (1930-1964). São Paulo: DIFEL, 1981.

FORJAZ, M. C. A emergência da ciência política no Brasil: aspectos institucionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 1-22, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69091997000300007>.

FRETEL, J. Qual sociologia para o estudo dos partidos políticos conservadores? **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 5, p. 321-349, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000100012>.

GARCIA JUNIOR, A. Meninos de engenho. Tradições e dramas familiares feitos símbolos da brasilidade. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, n. 30, p. 21-47, 2011. DOI: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2011.i130.a41854>.

GARCIA JUNIOR, A. Os vice-reis do norte: reconversão de elites agrárias e a Revolução de 30 (1920-1964). **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 38, n. 2, p. 73-87, 2007.

GARCIA JUNIOR., A. Les Intellectuels et la Conscience Nationale au Brésil. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n. 98, p. 20-33, 1993.

GARCIA JUNIOR, A. GHEORGHIU, M. D. As fronteiras internacionais das Ciências Sociais: itinerários de um intelectual coletivo. **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 17, n. 33, p. 227-266, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v17n33p227-266>.

GAXIE, D. As lógicas do recrutamento político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 8, p. 165-208, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522012000200007>.

GAXIE, D. **Le cens caché: inégalités culturelles et ségrégation politique**. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

GAXIE, D. **Les professionnels de la politique**. Paris: Presses universitaires de France, 1973.

GRILL, I. G.; REIS, E. T. (org.). **Estudos de elites e formas de dominação**. 1. ed. São Luís: EdUFMA, 2020.

GRILL, I. G.; REIS, E. T. Dos campos aos domínios das ‘elites’ no Brasil. **Tomo**, São Cristóvão-SE, p. 163-210, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i32.8842>.

GRILL, I. G.; REIS, E. T. **Elites parlamentares e a dupla arte de representar: intersecções entre ‘política’ e ‘cultura’ no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2016.

GRÜN, R. **Da pizza ao impeachment: uma sociologia dos escândalos no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Alameda, 2018.

GRÜN, R. **Decifra-me ou te devo**: o Brasil e a dominação financeira. São Paulo: Alameda, 2015.

GRÜN, R. Os judeus na política paulista: identidade, anti-semitismo e cultura. *In*: FAUSTO, B.; TRUZZI, O. M. S.; GRÜN, R.; SAKURAI, C. **Imigração e Política em São Paulo**. São Paulo: Sumaré, 1995, p. 71-125.

GRYNSZPAN, M. Do pessimismo ao pluralismo político: apropriações da teoria das elites nos Estados Unidos. *In*: REIS, E. T.; GRILL, I. G. (org.). **Estudos sobre elites políticas e culturais**. São Luís: EdUFMA, 2016, p. 49-79.

GRYNSZPAN, M. **Ciência, política e trajetórias sociais: uma sociologia histórica da teoria das elites**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

GRYNSZPAN, M. A teoria das elites e sua genealogia consagrada. **BIB**, São Paulo, n. 41, p. 35-83, 1996.

GRYNSZPAN, M.; GRILL, I. Elites: recursos e legitimação. **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 8, n. 15, p. 9-14, 2011.

JARDIM, M. A. C.; MARTINS, T. J. Entrevista com Monique de Saint-Martin: gênese de uma vocação de socióloga. **Agenda Política**, São Carlos-SP, v. 10, p. 283-294, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31990/agenda.2022.1.10>.

KARADY, V. A conversão socioprofissional das elites: dois casos históricos na Hungria. **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 12, n. 23, p. 19-36, 2015.

LACROIX, B. Ordre politique et ordre social: objetivisme, objetivation et analyse politique. *In*: GRAWITZ, M.; LECA, J. (org.). **Traité de Science Politique**. La Science Politique, L'Ordre Politique, v. 1. Paris: PUF, 1985, p. 469-565.

LACROIX, B. **Durkheim et le politique**. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1981.

LAGROYE, J. Os processos de politização. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 16, n. 37, p. 18-35, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2017v16n37p18>.

LAGROYE, J. **La politisation**. Paris: Belin, 2003.

LAGROYE J.; LACROIX, B. **Le président de la République**: Usages et genèses d'une institution. Paris: PFSNP: 1992.

LAGROYE, J.; OFFERLÉ, M. **Sociologia de l'institution**. Paris: Belin, 2011.

MARTINS, C. B. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000100002>.

MICELI, S. **Sergio Miceli Pessôa de Barros** (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 5min).

MICELI, S. Carne e osso elite política brasileira pós-1930. *In*: FAUSTO, B. (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo 3 – O Brasil Republicano, v. 3, Sociedade e Política (1930-1964). São Paulo: DIFEL, 1981, p. 557-596.

MICHEL, H; LÉVÊQUE, S. CONTAMIN, J-G. (org.). **Rencontres avec Michel Offerlé**. Vulaines sur Siene: Éditions du Croquant, 2019.

NEVES, C. E. B. A estrutura e o funcionamento do ensino superior no Brasil. *In*: SOARES, M. S. A. (org.). **A educação superior no Brasil**. Brasília: Capes, 2002, p. 39-112.

NEVES, C. E. B.; MARTINS, C. B. Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. **Repositório do Conhecimento do Ipea**, Brasília, p. 95-124, 2016.

OFFERLÉ, M. ‘Para o Sr. Schneider’: quando operários pedem a seu patrão que se candidate a deputado (1902). **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 16, n. 37, p. 76-111, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2017v16n37p76>.

OFFERLÉ, M. En r’venant d’la r’vue. **Politix**, n. 100, p. 63-81, 2012.

OFFERLÉ, M. **Les Partis Politiques**. Paris: PUF, 1987.

PASQUALI, P. **Héritocratie**: Les élites, les grandes écoles et les mésaventures du mérite (1870-2020). Paris: PUF, 2021.

PÉCAUT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

PERISSINOTO, R. **Depoimento em Sessão Especial em homenagem a Leôncio Martins Rodrigues**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 45, 22 out. 2021 (formato virtual).

PETRARCA, F.; OLIVEIRA, W.F. Inovações temáticas, guinadas teóricas e tradição intelectual no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 6, p. 34-62, 2018.

PUDAL, B. La ‘socio-biocratie’, chronique d’une construction em cours. In: PINTO, L. (org.). **La construction d’objet en sociologie**. Vulaines sur Siene: Éditions du Croquant, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20336/rbs.421>.

REIS, E. T.; GRILL, I. G. Juxtapositions de logiques et de domaines culturels et politiques dans l’état du Maranhão. **Brésil(s)**, v. 24, 2023a.

REIS, E. T.; GRILL, I. G. Transações ‘em nome da democracia’: ‘causas’, porta-vozes e modalidades de intervenção a partir de fundações partidárias alemãs no Brasil. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 20, n. 2, p. 288-324, 2023b.

REIS, E. T.; GRILL, I. G. Estudos de elites políticas e as bases das multinotabilidades no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, p. 137-159, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.125888>.

REIS, E. T.; GRILL, I. G. Mirada reflexiva e esforços propositivos às pesquisas sobre elites. In: REIS, E. T.; GRILL, I. G. (org.). **Estudos sobre elites políticas e culturais**. 1. ed. São Luís: EdUFMA, 2016, p. 9-48.

REIS, E. T.; BARREIRA, I. Alusões biográficas e trajetórias: entre esquemas analíticos e usos flexíveis. **BIB**, São Paulo, v. 86, p. 36-67, 2018. DOI: [10.17666/bib8603/2018](https://doi.org/10.17666/bib8603/2018).

SAINT-MARTIN, M. A propósito de um encontro entre pesquisadores: ciências sociais e política no Brasil. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 50, p. 162-173, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2022.e89621>.

SAINT-MARTIN, M. 35 anos depois de ‘um encontro entre pesquisadores: ciências sociais e política no Brasil’. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 21 n. 50, p. 156-161, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2022.e.8969>.

SAINT-MARTIN, M. Uma grande família. **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 17, n. 33, p. 37-68, 2020. DOI: 10.18764/2236-9473.v17n33p37-68.

SAINT-MARTIN, M. Da reprodução às recomposições das elites: as elites administrativas, econômicas e políticas na França. **Tomo**, São Cristóvão-SE, n. 13, p. 43-74, 2008. DOI: <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i13.467>.

SAINT-MARTIN, M. Uma inflexível dominação? *In*: ENCREVÉ, P.; LAGRAVE, R. M. **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 327- 335.

SAINT-MARTIN, M. Coesão e diversificação: os descendentes da nobreza na França. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 127-149, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000200005>.

SAINT-MARTIN, M. **L’espace de la noblesse**. Paris Métailié, 1993.

SAINT-MARTIN, M. A tradição como *crença*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 20, p. 148-162, 1992.

SAWICKI, F. Por uma sociologia dos meios e das redes partidários. *In*: MARENCO, A. (org.). **Os eleitos**: representação e carreiras políticas em democracias. Porto Alegre: EdUFRGS, 2013, p. 11-29.

SEIDL, E. A sociologia de Bourdieu e a formação em pesquisa sobre elites no extremo sul do Brasil: breve relato. **Revista Estudos de Sociologia**, Araraquara, 2024 (no prelo).

SEIDL, E.; GRILL, I.G. (org.). **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

SIMEANT-GERMANOS, J. Situando o trabalho de campo internacional. **REPOCS/Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 20, n. 2, p. 279-287, 2023.

TOPALOV, C. Um panorama intelectual renovado. *In*: ENCREVÉ, P.; LAGRAVE, R. M. **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 197-209.

ZIMMERMANN, B. Uma mediação. *In*: ENCREVÉ, P.; LAGRAVE, R. M. **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 241-249.

**Submetido em:** 03/12/2023

**Aprovado em:** 05/07/2024

*Da sociologia do espaço do poder na França aos estudos de “elites” no Brasil: circuitos de trocas “Bourdieuianas”*

**ANEXO – Participantes GTs “Elites” com mais de 3 intervenções**

	<b>Nome</b>	<b>Sigla grafos</b>	<b>Instituição</b>	<b>Instituição doutorado</b>	<b>Área</b>	<b>Orientador</b>
<b>FASE 1</b>	Argelina C. Figueiredo	ACF	UNICAMP	University Chicago	CP	Adam Przeworski
	Ary C. Minella	ACM	UFSC	Universidad México	SOC	John Saxe-Fernandez
	Aspásia A. Camargo	AAC	FGV/CPDOC	Université Paris II	SOC	Alain Touraine
	Charles Pessanha	CP	IUPERJ	IUPERJ	CP	Renato Raul Boschi
	Denise Gros	DG	UFRGS	UNICAMP	CP	Sebastião Velasco Cruz
	Eduardo Kugelmas	EK	USP	USP	CP	Maria. C. Campelo Souza
	Eli Diniz	ED	IUPERJ	USP	CP	Francisco Weffort
	Fabiano G. Santos	FGS	IUPERJ	IUPERJ	CP	Olavo Brasil Lima Jr
	Fernando Limongi	FL	IUPERJ	University Chicago	CP	Adam Przeworski
	Hélgio Trindade	HT	UFRGS	Université Paris I	CP	George Lavau
	Jairo M. Nicolau	JMN	IUPERJ	IUPERJ	CP	Olavo Brasil Lima Jr.
	José G. Tavares	JGT	UFRGS	IUPERJ	CP	Olavo Brasil Lima Jr
	José M. de Carvalho	JMC	IUPERJ	Stanford University	CP	Robert A. Packenham
	Maria A. Leopoldi	MAL	UFF	University Oxford	CP	Herminio Martins
	Maria C. Forjaz	MCF	FGV/SP	USP	CP	Francisco Weffort
	Maria R. Loureiro	MRL	FGV/SP	USP	SOC	Henrich Rattner
	Mario Grynszpan	MG	UFF FGV/CPDOC	UFRJ	ANT	Afrânio Garcia Jr.
	Olavo B. Lima Jr.	OBLJ	IUPERJ	NI	NI	NI
	Otávio S. Dulci	OSD	UFMG	IUPERJ	CP	José M. de Carvalho
	Renato Lessa	RL	IUPERJ	IUPERJ	CP	Wanderley G. Santos
	Renato Raul Boschi	RRB	IUPERJ	University Michigan	CP	Philip Converse
	Sebastião V. Cruz	SVC	UNICAMP	USP	CP	M. C. Campelo Souza
	Sergio Miceli	SM	FGV/SP IDESP	USP/EHESS	SOC	Leôncio Rodrigues/ Pierre Bourdieu
	Vanda R. Costa	VMC	IUPERJ	IUPERJ	CP	Renato Raul Boschi
	Vera C. Silva	VCS	UFMG	University Illinois	CP	Joseph Love
	Walder de Góes	WGS	UNB	NI	NI	NI
Wanderley G. Santos	WGS	IUPERJ	Stanford University	CP	Robert Packenham	
<b>FASE 2</b>	Adriano N. Codato	ANC	UFPR	UNICAMP	CP	Sebastião Velasco Cruz
	Ana Maria Almeida	AMA	UNICAMP	UNICAMP	EDU	Leticia Bicalho Canêdo
	Ana Paula Hey	APH	USP	UFSCAR	EDU	Ester Buffa
	Carolina M. Pulici	CMP	UNIFESP	USP	SOC	Basílio Salum
	Débora M. Guimarães	DMG	UNB	USP	SOC	Maria Arminda Arruda
	Eliana Tavares dos Reis	ETR	UFMA	UFRGS	CP	Odaci Luiz Coradini
	Ernesto Seidl	ES	UFS/UFSC	UFRGS	CP	Odaci Luiz Coradini
	Igor Gastal Grill	IGG	UFMA	UFRGS	CP	Odaci Luiz Coradini
	Irllys Barreira	IB	UFC	USP	SOC	Henrich Rattner
	Luiz D. Costa	LDC	UFPR	UFPR	CP	Adriano N. Codato
	Lorena M. Monteiro	LMM	UFRGS	UFRGS	CP	Hélgio Trindade
	Marcos Otávio Bezerra	MOB	UFF	UFRJ	ANT	Moacir Palmeira
	Maria C. D'Araújo	MCD	FGV/CPDOC	IUPERJ	CP	Amaury de Souza
	Mario Grynszpan	MG	UFF FGV/CPDOC	UFRJ	ANT	Afrânio Garcia Jr.
	Miguel P. Serna	MPS	UDELAR	UFRGS	CP	Hélgio Trindade
	Paulo R. N. Costa	PRNC	UFPR	UNICAMP	CP	Sebastião Velasco Cruz
	Renato M. Perissinotto	RMP	UFPR	UNICAMP	CP	Decio Saes
	Roberto Grün	RG	UFSCAR/UFABC	UNICAMP	SOC	Sergio Miceli
	Rodrigo R. Bordignon	RRB	UFRGS/UFSC	UFRGS	CP	Odaci Luiz Coradini
	Wheriston S. Neris	WSN	UFS	UFS	SOC	Ernesto Seidl
Wilson F. Oliveira	WFO	UFPEL e UFS	UFRGS	ANT	Odaci Luiz Coradini	